



Ensaio sobre transição alimentar e desenvolvimento em populações caboclas da Amazônia

Rodrigo de Jesus Silva¹ e Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello²

Ensaio sobre transição alimentar e desenvolvimento aborda as consequências do processo de desenvolvimento socioeconômico nas populações caboclas da Amazônia. Usando a alimentação como indicador de transformação, o presente estudo faz asserções mais amplas, referentes aos impactos do estilo de vida moderno na cultura tradicional. Perante tais pressupostos o presente trabalho teve por objetivo discutir o processo de transição alimentar pelo qual os povos locais da Amazônia estão passando. Assim, conclui-se que as populações caboclas da Amazônia estão passando por um possível padrão de desarranjo da alimentação local por conta, principalmente, do acesso facilitado às cidades e do modelo assistencialista de políticas públicas.

Palavras-chave: hábito alimentar, cultura tradicional, povos locais.

Essay about food transition and development in the Amazon caboclo populations

Essay about food transition and development discusses about the consequences of the socioeconomic development in the caboclo Amazon populations. Using food as an indicator of transformation this study assesses the impacts of modern lifestyle in the traditional culture. According such assumptions the present work aimed to discuss the nutritional transition process by which the local people are undergoing. Thus, we concluded that the caboclo Amazon communities are going through a possible disarrangement of traditional food habits mainly due the easier access to the cities and the assistentialist posture of public policy.

Key-words: food habits, traditional culture, local people.

¹ Biólogo e Doutorando em Ecologia Aplicada, Departamento de Economia, Administração e Sociologia, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), Universidade de São Paulo (USP). Correspondência: Av. Pádua Dias, 11, CEP 13418-900, Piracicaba, SP. Tel. (19) 34294225 / Fax (19) 34336016. *E-mail:* rodrigojsilva@usp.br.

² Professora Livre Docente, Departamento de Economia, Administração e Sociologia, ESALQ (USP).

INTRODUÇÃO

Ao garantir os mínimos vitais de sobrevivência e reunir atividades de produção, distribuição e preparação conjunta, a alimentação exerce um papel estruturador preponderante na organização social, se tornando o cerne de um dos mais vastos e intrincados complexos culturais [1,2]. Correlacionando aspectos ligados à sobrevivência e, concomitantemente, à subsistência, por meio de atividades extrativistas e agrícolas, a alimentação se torna um elo chave para o entendimento da relação do homem com a natureza [3]. Neste sentido, vários autores avaliam a alimentação sobre a perspectiva de diversidade de estratégias de utilização de recursos como um processo de adaptabilidade às condições sazonais Amazônicas, isso tanto ambiental, quanto socioeconômica e cultural [4-6].

Há algum tempo que os estudos referentes ao tema deixaram de se pautar exclusivamente pelas limitações ambientais, reconhecendo a diversidade de recursos naturais disponíveis e a habilidade das populações locais no manejo e uso destes como forma de contornar os problemas de alimentação [4,7-9]. Considerando que o simples ato de comer é algo que nos define e faz a natureza virar cultura, as mudanças de hábitos alimentares e dos contextos que cercam tais hábitos é um tema intrincado que envolve a correlação de inúmeros fatores, sociais, culturais e também ambientais [10,11].

Entretanto, em consequência à expansão da economia de mercado e à globalização mundial, os hábitos alimentares têm se transformado, substituindo produções locais por produtos industrializados e processados de fácil acesso, como óleos vegetais e gorduras [12]. Este processo tem sido denominado de transição nutricional, onde as altas taxas de urbanização e desenvolvimento tendem a transformar o padrão alimentar global de maneira mais acelerada, acentuando o aparecimento de doenças crônicas ligadas à dieta: doenças cardiovasculares, diabetes e câncer [13-15].

Neste contexto, a industrialização, por meio do sistema de produção e transformação agroalimentícia moderno, desvincula o alimento da natureza e, consecutivamente, o comedor de todo seu universo biocultural que lhe garante sustentáculo [1]. O revés de tal fenômeno é chamado de transição alimentar, devido a possível homogeneização dos hábitos alimentares e, conseqüentemente, da cultura; o

que não corresponde simplesmente a uma defesa utópica do tradicional em lugar do moderno ocidental, mas sim ao reconhecimento do padrão mundial de transformação dos hábitos alimentares tradicionais [12].

Contudo, raros estudos sobre os efeitos e conseqüências da transição nutricional têm sido conduzidos em escalas menores no contexto de povos tradicionais locais. Aqueles que foram realizados na Amazônia demonstram uma tendência de mudança em favor de uma dieta e estilo de vida cada vez mais ocidental [16-18]. Pensando nisso remontamos à ideia de desenvolvimento como pressuposto de progresso e melhoria das condições de vida, o que para alguns autores remete a um modelo capitalista que se impõe por meio de práticas ligadas a uma visão de mundo típica da história das nações industrializadas [19,20].

Assim, de acordo com as premissas levantadas subentende-se que o objetivo deste trabalho foi de avaliar, por meio de revisão de literatura, possíveis conseqüências da urbanização, do maior acesso às economias de mercado e a produtos industrializados, nas práticas domésticas e preferências alimentares de povos caboclos da Amazônia.

O DEBATE SOBRE TRANSIÇÃO ALIMENTAR EM POVOS LOCAIS

Hábito alimentar de comunidades caboclas da Amazônia

Originários da mestiçagem entre índios, europeus e, em alguns casos, de negros, o modo de vida das populações caboclas da Amazônia é caracterizado pela presença de várias atividades de subsistência como caça, coleta, pesca e agricultura, e intrincada relação com o ambiente amazônico, além de uma considerável interação histórica com outras comunidades e com o mercado, fator este que, segundo alguns autores, os tornam mais resilientes ao contato com a cultura moderna [5,8,21,22].

De tal modo, considerando a complexidade sociocultural histórica de formação e a diversidade de fatores que garantem identidade étnica aos povos caboclos da Amazônia, alguns estudos reforçam que diante de seus hábitos e estilos de vida – que ao mesmo tempo conjugam elementos urbanos e rurais – eles têm sido protagonistas importantes na transformação socioeconômica e ambiental da região Amazônica [5,8,23]. Ao se inserirem cada vez mais como

produtores no mercado local os caboclos passam a ter papel preponderante na economia regional; entretanto, neste cenário, mudam-se hábitos e mais alimentos industrializados processados passam a ser acessíveis em áreas remotas, o que pode acabar gerando consequências não previstas à resiliência historicamente adquirida.

Silva & Begossi ^[6], estudando os caboclos ribeirinhos do Rio Negro da Amazônia, ressaltam que apesar do nicho alimentar da população variar de acordo com determinados fatores, dentre eles de acesso ao mercado, sazonalidade dos recursos naturais e condições socioeconômicas, a alimentação básica se mantém estruturada em peixe e farinha. Adams *et al.* ^[24] também observaram que, apesar da crescente dependência de alimentos industrializados, o peixe e a farinha ainda são bastante representativos na dieta das comunidades caboclas do baixo Amazonas.

Além de um papel fundamental de subsistência, que possibilita ao caboclo da Amazônia sobreviver às intempéries naturais e às pressões sociais das elites locais, a farinha e o peixe tem um papel distintivo que reflete aspectos socioculturais e simbólicos ligados ao *habitus* de consumo ^[9]. Por *habitus* entende-se o arcabouço de memórias e “sistemas de disposições” que de acordo com tendências e propensões historicamente estabelecidas predispõem à percepção, à tomada de decisão e às práticas cotidianas dos indivíduos ^[25].

Noda *et al.* ^[26] encontraram baixa frequência do consumo de carne bovina nas regiões de várzea do Rio Solimões, relegando tais resultados, prioritariamente, à cultura alimentar regional de consumo preferencial de peixe como principal fonte protéica, a qual se entende aqui por *habitus*. Segundo estes autores, ao passo que a diversidade de produtos alimentares disponíveis nas várzeas garante o autoabastecimento e a dieta básica das comunidades, a pesca é uma atividade que vem sendo desenvolvida nestas áreas há tempos como principal meio de manifestação sociocultural.

Considerando o exposto, apesar do panorama de “desenvolvimento” que se descortina por meio do maior contato com o meio urbano e exerce influência no estilo de vida dos povos locais da Amazônia, pondera-se que a dieta das populações caboclas ainda mantém o consumo habitual de peixe e farinha de

mandioca. O que corresponde com vários trabalhos sobre hábitos alimentares realizados na região ^[5,6,24,27].

Alimentação tradicional frente ao processo de desenvolvimento

Segundo Diegues ^[28], todas as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalista, caracterizadas por uma dependência parcial do mercado, sem mercantilização da mão de obra de trabalho, ou seja, organização econômica e social com reduzida acumulação de capital e com inexistência de força de trabalho assalariada. De acordo com este ponto de vista, o manejo de recursos naturais por parte dos povos tradicionais, incluindo os povos caboclos da Amazônia, visa à reprodução social e cultural por meio de um tipo de racionalidade diferente da que impera no modo de produção capitalista.

A partir disso, é pertinente ressaltar que, normalmente, o conceito de desenvolvimento implica numa proposta de incremento econômico com base nos princípios do capitalismo, consagrado num sistema de produção cujo objetivo não é satisfazer as necessidades, mas sim a obtenção do lucro ^[28,29]. Diante deste raciocínio, subentende-se que o termo desenvolvimento frequentemente se reduz à ideia simplista de modernização constante em todas as esferas de ação e pensamento da sociedade, desconsiderando assim os aspectos mais amplos de formação e expressão étnica de um povo.

Assim, considerando tal premissa de desenvolvimento e a série de trabalhos levantados, notou-se um cenário de relativo aumento de alimentos industrializados na dieta das comunidades caboclas da Amazônia, sendo que alguns fatores têm maior peso que outros para a acentuação deste fenômeno, ou seja, maior influência na alimentação local, dentre eles a proximidade com os centros urbanos. De acordo com tal, Silva & Begossi ^[6] descrevem que a principal fonte de itens alimentares de uma população ribeirinha do Rio Negro na Amazônia provém de compras urbanas, no caso, 65% do total. Neste sentido, argumentam que a compra de produtos alimentícios provenientes de outras regiões está relacionada à proximidade com os centros urbanos e ao aumento da renda.

Nardoto *et al.* ^[30], por meio de análise isotópica das unhas e de entrevistas com “recordatório alimentar 24 horas” coletadas entre comunidades

ribeirinhas da Amazônia, verificou que há um gradual aumento de itens alimentares como açúcar e carne de gado substituindo alimentos tradicionais como peixe e mandioca à medida que aumenta o acesso aos grandes centros urbanos e aos produtos de supermercado. Nesse trabalho, foi avaliado o grau de urbanização e acesso a “produtos de supermercado” na Amazônia Brasileira, concluindo que, de fato, a região está passando por um processo de transição nutricional que favorece o aparecimento de doenças ligadas ao estilo de vida do mundo moderno, como diabetes, câncer, obesidade, etc. Vale ressaltar que o acesso em áreas urbanas a uma imensa variedade de itens alimentares industrializados é chamado de a “era dos supermercados” [14].

Ivanova [18], ao estudar mulheres ribeirinhas da Amazônia defende que um dos fatores que provavelmente contribuem para o consumo de itens alimentares da cidade é a renda extra, advinda de programas como o Bolsa Família. Enquanto isso, Brondizio [31] destaca que os programas de desenvolvimento e as oportunidades de mercado na Amazônia geralmente acentuam as desigualdades socioeconômicas históricas, sendo que o aumento da heterogeneidade entre as comunidades locais pode redundar em consequências políticas, ambientais e sociais não esperadas.

Do mesmo modo, Giambiagi [32] defende que o modelo assistencialista brasileiro tem se revelado contraproducente por não estimular o esforço pessoal de automanutenção da vida e por engendrar déficit orçamentário aos cofres públicos. Assim, problematizando a premissa de desenvolvimento devido à possibilidade de desarrajo sociocultural, referente não apenas aos caboclos da Amazônia, mas às populações tradicionais locais de forma geral, pretende-se contribuir com a discussão sobre a (in) eficácia das políticas assistencialistas (bolsa família, bolsa floresta, renda cidadã etc.) para o propósito de contornar a vulnerabilidade social.

Além das mudanças de estilo de vida e hábito alimentar do acesso facilitado às áreas urbanas, outra questão que merece atenção é a sazonalidade dos recursos naturais em ambientes de várzea. Sendo o rio, por muitas vezes, a principal via de acesso às cidades e, visto que, as várzeas estão mais propensas aos eventos de inundação, que inviabilizam a produção agrícola, é de se esperar que em tais regiões haja maior incidência de itens alimentares industrializados como estratégia

para contornar as intempéries naturais. Quanto a isso, Nardoto *et al.* [30] ressaltam que a presença de frango congelado, procedente de outras regiões do país, entre as comunidades caboclas de maior renda e acessibilidade urbana (ambientes de várzea) além de não agregar valor econômico à região amazônica torna-se um item de salubridade questionável, por ser transportado por horas a fio em condições adversas de armazenamento nos barcos fluviais.

Deste modo, além de questões inerentes à saúde, se questiona aqui a dinâmica de transformação da modernidade no modo de vida tradicional do caboclo da Amazônia. Murrieta *et al.* [9], considerando a heterogeneidade dos processos de escolha individuais e coletivos, reforçam que as formas de intervenção nas comunidades da Amazônia desconsideram os aspectos socioculturais locais ao insistir na introdução de itens alimentares homogêneos. O que outrora era satisfeito principalmente por meio de recursos *in situ*, agora passa a receber influência considerável de sociedades cada vez mais distantes, com suas redes de supermercado, indústrias, instituições e estilo de vida moderno. Conforme Bianco [33], este processo afeta a vida de populações distantes por gerar inúmeras transformações que as isentam das restrições das práticas e hábitos locais.

Noda *et al.* [26] assinalam que em consequência à modernização na Amazônia, a cultura e todo o conhecimento tradicional caboclo e indígena encontram-se ameaçados de extinção. Considerando o exposto, o presente ensaio reforça a presença de associação não causal entre o modelo de desenvolvimento vigente e os hábitos alimentares dos povos locais da Amazônia, o que, em outras palavras, denota interferência da modernidade na dimensão cultural que é o alimento. Neste sentido, por meio dos mecanismos diversos de transformação da alimentação tradicional local perante o maior contato com a cidade, a preocupação é que a dinâmica sociocultural constituída acabe que por desvinculá-los – povos locais – de sua atmosfera material e simbólica, historicamente desenvolvida através dos meios naturais de subsistência.

Noutros termos, quanto às propostas de desenvolvimento e possíveis melhorias das condições de vida para os povos caboclos da Amazônia, cabe avaliar se eles se adaptarão sem grandes transtornos ao maior acesso ao mercado e se a dinâmica sociocultural gerada não culminará num processo de aculturação

local, ao invés da simples assimilação restrita de elementos externos, o que nos termos de Durham ^[34] se denominaria “reelaboração cultural”.

No entanto, como o intuito deste trabalho não é necessariamente refrear um processo de desenvolvimento que se evidencia iminente, ele se justifica por tecer críticas que podem servir de arcabouço para o direcionamento de políticas públicas mais justas e eficazes quanto à incorporação de hábitos e valores locais. De tal modo, Fraxe ^[35] reforça que a realização de políticas públicas na Amazônia sem a representatividade das populações locais não tem sentido, haja vista o caráter de imprescindibilidade do conhecimento local para qualquer atividade de intervenção governamental.

Assim, uma vez que todo ser humano é detentor do direito inato de escolha e que o contato com a cultura urbana é um fato presente, salienta-se aqui que os desafios impostos às populações caboclas e, tradicionais locais de forma geral, irão requerer: 1) a necessidade de autodeterminação e valorização da cultura tradicional ante o processo de “desenvolvimento” das condições socioeconômicas, 2) a importância de transparência e acesso à informação em relação à qualidade dos itens industrializados adquiridos, principalmente, os alimentícios por causa das consequências à saúde e, 3) o aumento da representatividade cabocla e incorporação do conhecimento tradicional local às intervenções por parte do Estado e outros setores da sociedade civil.

CONCLUSÃO

Numa dinâmica global de transição alimentar e nutricional, o presente trabalho levanta questões mais amplas, referentes não apenas à problemática da alimentação moderna, mas também à interferência sociocultural do modo de vida ocidental em populações tradicionais locais e, particularmente, na própria segurança alimentar dos povos caboclos da Amazônia.

Neste contexto, conclui-se que, por meio de intervenções “desenvolvimentistas” que desconsideram a autodeterminação dos povos da Amazônia, reforça-se uma perspectiva de progresso que indiretamente estimula um estilo de vida cada vez mais ocidentalizado, descaracterizando, por conseguinte, as disposições socioculturais locais que,

no mínimo, propiciam uma dieta tradicional mais saudável.

Consequentemente, repensar o desenvolvimento sob o viés da alimentação deve se tornar imperativo, por considerar o seu poder de abrangência para o entendimento das relações de uso dos recursos naturais de produção e das suas consequências para o consumo humano. Desta maneira, diante da bibliografia levantada e em consonância com o outro trabalho do grupo¹, pondera-se que um possível padrão de transição alimentar pode estar se configurando nas comunidades caboclas da Amazônia.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que por meio do processo FAPESP 2011/08686-3 (bolsa de doutorado) possibilitou o desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- [1] Poulain JP. Sociologia da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: UFSC; 2004.
- [2] Montanari M. Comida como cultura. São Paulo: Editora Senac; 2008.
- [3] Murrieta RSS. Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. Rev Antropol. 2001;44(2):39-88.
- [4] Moran E. A ecologia humana das populações da Amazônia. Petrópolis: Vozes; 1990.
- [5] Murrieta RSS, Dufour DL. Fish and farinha: protein and energy consumption in Amazonian Rural communities on Ituqui Island, Brazil. Ecol Food Nutr. 2004;43(3):231-55.
- [6] Silva AL, Begossi A. Biodiversity, food consumption and ecological niche dimension: a Study Case of the Riverine Populations from the Rio Negro, Amazonia, Brazil. Environment, Development and Sustainability. 2007;11(3):1-24.
- [7] Sahlins M. A primeira sociedade da afluência. In: Carvalho EA. (Org.) Antropologia econômica. São Paulo: Editora Ciências Humanas; 1978. p. 7-44.

¹ Ver Nardoto *et al.* (2011) ^[36].

- [8] Nugent S. Amazonia Caboclo Society: an essay on invisibility and peasant economy. Providence: Berg. Publishers; 1993.
- [9] Murrieta RSS, Dufour DL, Siqueira AD. Food consumption and subsistence in three caboclo populations on Marajó Island, Amazonia, Brazil. *Hum Ecol.* 1999;27(3):455-75.
- [10] Hintze S. Apuntes par aun abordaje multidisciplinário del problema alimentario. *Cadernos de Debate.* 1997;(5):1-19.
- [11] Carneiro H. Comida e sociedade: uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Campus; 2003.
- [12] Pollan M. Em Defesa da comida: um manifesto. Rio de Janeiro: Intrínseca; 2008.
- [13] Monteiro CA, Mondini L, Souza AL, Popkin BM. The nutrition transition in Brazil. *Eur J Clin Nutr.* 1995;49(2):105-113.
- [14] Popkin BM. Global nutrition dynamics: the world is shifting rapidly toward a diet linked with non-communicable diseases. *Am J Clin Nutr.* 2006;84(2):289-98.
- [15] Weber K. Food Inc.: how industrial food is making us sicker, fatter and poorer; and what you can do about it. New York: PublicAffairs; 2009.
- [16] Piperata BA. Nutritional status of Ribeirinhos in Brazil and the nutrition transition. *Am J Phys Anthropol.* 2007;133(2):868-78.
- [17] Silva H, Padez C. Body size and obesity patterns in Caboclo population from Pará, Amazonia, Brazil. *Ann Hum Biol.* 2010;37(2):218-30.
- [18] Ivanova SA. Dietary change in ribeirinha women: evidence of a nutrition transition in the Brazilian Amazon? [tese]. Columbus: Ohio State University; 2010. 56 p.
- [19] Wallerstein I. O Fim do mundo como o concebemos: ciência social para o século XXI. Rio de Janeiro: Revan; 2002.
- [20] Perrot D. Quem impede o desenvolvimento “Circular”? (Desenvolvimento e povos autóctones: paradoxos e alternativas). *Cadernos de Campo.* 2008;17(17):219-32.
- [21] Adams C, Murrieta RSS, Neves W. Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Anablume; 2006.
- [22] Begossi A. Resiliência e populações neotradicionais: Os caiçaras (Mata Atlântica) e os caboclos (Amazônia, Brasil). In: Diegues AC, Moreira ACC. Espaços e recursos de uso comum. São Paulo: Nupaub/USP; 2001. p. 205-236.
- [23] Brondizio ES. The Amazonian Caboclo and the Açai Palm: Forest Farmers in the Global Market. New York: New York Botanical Garden Press; 2008.
- [24] Adams C, Murrieta RSS, Sanches RA. Agricultura e alimentação em populações ribeirinhas das várzeas do Amazonas: novas perspectivas. *Ambient Soc.* 2005;8(1):1-22.
- [25] Ortiz R. Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática; 1983.
- [26] Noda SN, Noda H, Martins ALU. Agricultura familiar na Várzea Amazônica: espaço de conservação da diversidade cultural e ambiental. In: Scherer R, Oliveira JA. Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural. Rio de Janeiro: Garamond; 2006. p. 163-194.
- [27] Silva AL. Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro (Amazonas, Brasil). *Rev Antropol.* 2007;50(1):125-79.
- [28] Diegues ACS. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Editora Hucitec; 1998.
- [29] Foladori G. Limites do desenvolvimento sustentável. Campinas: Editora da Unicamp; 2001.
- [30] Nardoto GB, Murrieta RSS, Prates LEG, Adams C, Garavello MEPE, Schor T, *et al.* De Moraes A, Rinaldi FD, Gragnani J, Moura EF, Duarte-Neto PJ, Martinelli LA. Frozen chicken for wild fish: Nutritional transition in the Brazilian Amazon region determined by carbon and nitrogen stable isotope ratios in fingernails. *Am J Hum Biol.* 2011;23(5):642-50.
- [31] Brondizio ES. Análise intra-regional de mudanças de uso da terra na Amazônia. In: Moran EF, Ostrom E. Ecossistemas florestais: interação homem-ambiente. São Paulo: Senac/Edusp; 2009. p. 289-327.
- [32] Giambiagi F. Brasil, raízes do atraso: paternalismo x produtividade. Rio de Janeiro: Elsevier; 2007.
- [33] Bianco A. Modernidade e degeneração: a crítica de Weston Price. *Socitec e-prints.* 2009;3(1):34-52.
- [34] Durham ER. Dinâmica da cultura: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify; 2004.

[35] Fraxe TJP. Cultura cabocla-ribeirinha: mito, lenda e transculturalidade. São Paulo: Annablumme; 2004.